

## EM DEFESA DE UM FÓRUM SOCIAL MUNDIAL AUTÔNOMO, PLURAL E REPRESENTATIVO!

**A** agudização da crise que afeta os países centrais do capitalismo, com o agravamento do desemprego, da fome e da miserabilidade de parcelas cada vez mais amplas da população, reforça a importância dos movimentos sociais, das ONGs, das redes sociais comprometidas com o processo de transformação e das forças progressistas contarem com instrumentos de reflexão e ação para mudar a realidade. Nunca precisamos tanto do Fórum Social Mundial (FSM), da amplitude, do compromisso e da capilaridade dos movimentos que o compõem.

As contradições que originaram os movimentos de oposição ao Fórum Econômico Mundial de Davos (FEM) não só persistem, como se agravam. O FSM tem agora responsabilidade redobrada de articular e consensuar ações globais que deixem claro nossa oposição à globalização neoliberal. É inadiável a adoção de ações que barrem os abusos das transnacionais e do sistema financeiro, a retirada de direitos trabalhistas impostas por governos conservadores, apresentando propostas para a construção do outro mundo que queremos.

Com a política de socorro aos bancos e especuladores adotada por inúmeros governos, milhões de trabalhadores/as perderam empregos, moradias e o pouco que ainda restava de proteção social, sobrando apenas a pobreza gerada pelas medidas de “austeridade fiscal” em favor do sistema financeiro.

Os números da crise ecoam por si. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) contabiliza 197 milhões de desempregados no mundo em 2012. Desses, 74 milhões são jovens entre 15 e 24 anos. A fome global chega aos lares de 870 milhões de pessoas no mundo, de acordo com dados da ONU/FAO, sendo que 852 milhões estão em países em desenvolvimento. Enquanto mais de 50% da riqueza global pertence a

apenas 2% da população, na outra ponta, metade das pessoas mais pobres, que somam cerca de 4 bilhões, dispõem de apenas 1% da riqueza do mundo, o equivalente a US\$ 133,5 milhões.

Daí a necessidade do Fórum Social, com o arco de entidades, movimentos e indivíduos que o compõem, adotar iniciativas, com entusiasmo e ousadia, para o enfrentamento político e ideológico ao retrocesso.

### Recuperar os princípios do FSM

A cada evento que o FSM realiza, temos nos defrontado com exigências e ingerências, como infelizmente ocorreu no caso da Prefeitura de Porto Alegre durante o Fórum Temático de 2013. Em troca de apoios e patrocínios, o poder público municipal tentou interferir nos conteúdos das discussões e nos convidados, chegando ao cúmulo de impor condições para incorporar atores não tradicionais ao FSM, em detrimento do campo progressista. O FSM ao organizar seus encontros e eventos precisa superar as suas contradições internas e romper com a lógica do “patrocínio”. Afinal, como ensina a sabedoria popular, *“Quem paga a orquestra escolhe a música!”*.

Fatos como esses levaram fundadores do FSM a se retirarem do Fórum Temático 2013, ocorrido na capital gaúcha, tamanhas as violações da carta de princípios em relação a autonomia do FSM em relação a governos e partidos. Não somos contrários à contribuição do setor público, no entanto, a autonomia é uma questão de princípio e precisa ser praticada.

Desprezando uma decisão coletiva, inteiramente na contramão, a Prefeitura de Porto Alegre além de não destinar nenhum recurso para o Fórum Palestina Livre, se submetendo ao poderoso “lobby” pró-ocupação dos territórios palestinos, canalizou uma enorme quantidade de recursos para o Fórum Temático de janeiro.

Ao optar pelo atropelo à histórica autonomia do evento, substituída vexatoriamente pelo vínculo político-financeiro à administração municipal, os que se acreditaram donos do FSM, pouco afeitos ao trabalho conjunto, alijaram as entidades historicamente comprometidas com o evento para a segunda divisão. Convém lembrar que “o Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário”.

A enorme quantidade de eventos também contribuiu para a banalização do próprio FSM. A CUT Brasil não é uma indústria de organização de eventos. O Fórum é um dos espaços de atuação internacional da nossa Central, não o único. As mesmas organizações que



participaram do Fórum Temático de janeiro de 2012, da Rio+20 realizada em junho de 2012 e do Fórum em Solidariedade à Palestina em novembro de 2012 em Porto Alegre foram convocadas a participar do Fórum Temático de janeiro de 2013 e também a participar do Fórum Social Mundial da Tunísia em março de 2013. Ou seja, em 14 meses, cinco grandes eventos internacionais. Parece-nos uma banalização da idéia do FSM. O Fórum em defesa da Palestina só foi realizado em novembro de 2012 porque a imensa maioria das organizações assim o quis, tanto aquelas que atuam na Palestina, como as que atuam em outros países.

A CUT Brasil participa do Fórum Social Mundial desde a sua fundação em 2001, sendo, juntamente com o MST, os dois primeiros movimentos sociais brasileiros a formar seu comitê organizador local. Sempre o consideramos um espaço de atuação extremamente importante para todos os movimentos e organizações que buscam construir um mundo mais justo e democrático e vamos continuar valorizando este espaço.

O problema da ausência de debate no interior do Conselho Internacional (CI) do FSM impede que se avaliem as transformações ocorridas no mundo. Numa conjuntura de crise, o Fórum deveria reafirmar seus princípios, para que não se deixe sequestrar por setores comprometidos com o “status quo”, de modo a deixar tudo mais *soft e light*, como ocorreu no FST de 2013 em Porto Alegre. Essa condição afasta o FSM de seus objetivos, promovendo a despolitização das relações internas.

### Futuro do FSM

O Fórum precisa ir além da reflexão e partir para a definição de ações consensuais, como foram as mobilizações contra a guerra do Iraque. Não é possível que não consigamos acordar ações contra os abusos das transnacionais, a lógica excludente do sistema financeiro, a imposição da militarização no lugar da diplomacia, desemprego da juventude ou em defesa de questões relativas ao meio ambiente, direitos das minorias, entre outras.

No aspecto da condução política do Fórum Social Mundial, entendemos que os problemas atuais não se resumem somente à forma, mas, sobretudo ao conteúdo. Organizações com ampla base social, com poder democrático de representação também possuem direitos no seu processo organizativo. Como compomos o coletivo de articuladores e mobilizadores do processo, é necessário que ocupemos o espaço que nos é devido em todas as estruturas de coordenação dos

eventos. Quando espaços criados pelo próprio CI (Grupo de Enlace, Escritório do FSM etc.) são sabotados até deixarem de existir, indivíduos isoladamente passam a decidir. É o caos e isso é o que está ocorrendo.

“Ideólogos” do Fórum estão tentando implantar a mais perversa forma de centralização: acabar com todo coletivo de debate para que os mais “espertos”, “indivíduos espontâneos”, exerçam o controle sobre todas as decisões. Na prática, essa é a institucionalização de um “Comitê Central” não eleito e com imenso poder. Uma espécie de “Hydra de Lerna, monstro de nove cabeças, que, segundo a mitologia grega, era tão venenosa que matava os homens apenas com seu hálito. Se alguém chegasse perto dela enquanto estava dormindo, apenas de cheirar seu rastro, a pessoa já morria em terrível tormento”. Vale lembrar que a Hydra foi derrotada por Hércules. Conforme nossa interpretação, algumas propostas apresentadas ao futuro do FSM tentam recriar esse monstro e repetem a velha máxima de Lampedusa: “*é preciso mudar para que tudo continue como está*”. Isto é, os mesmos sempre mandando e definindo os processos enquanto o restante permanece obedecendo e cheirando o hálito da “companheira” Hydra. Para que essa prática prevaleça é necessário desqualificar movimentos sociais pelo simples fato de serem organizados e terem direções democraticamente eleitas. Nessa concepção está embutida uma “nova teoria”, muito na moda: que “movimentos” não sejam “nem de esquerda, nem de direita”. Embora nem sempre o professem, acabam considerando os movimentos sociais “ultrapassados” e “desgastados” e que é preciso construir um FSM livre dessa influência “nefasta”, na esperança de que com isso surja um movimento “limpo e saudável”. Em nosso entendimento, o Fórum tem de ser aberto a todos: às redes sociais, aos movimentos espontâneos, aos movimentos sociais organizados, às ONGs etc. A vontade de construir um outro mundo, segundo os princípios do Fórum, deve ser o sustentáculo desta unidade.

Também consideramos extremamente preocupante o fato de alguns “ideólogos” apresentarem argumentos de profundo desprezo pelos movimentos sociais, como se estes não fossem também responsáveis pelas grandes mobilizações de massa que ocorreram no passado e continuam ocorrendo no mundo. As mudanças positivas que ocorreram na América Latina se devem em muito aos movimentos sociais. As elucubrações

desses personagens que tanto desprezam os movimentos sociais acabam por se distanciar tanto da esquerda que passam a abraçar sofisticadas teses elitistas, bem ao gosto da direita mais reacionária. E o pior é que muitos destes ideólogos são eles mesmos parte de organizações verticais e hierarquizadas.

Queremos recuperar o papel coletivo do comitê internacional e que isso se reflita nos comitês locais e temáticos, de acordo com a carta de princípios e a cultura política do Fórum, impedindo o controle dos poderes econômico, público e de indivíduos, por mais bem intencionados que sejam.

A experiência do Grupo de Apoio e Reflexão ao processo do FSM – GRAP criado no Brasil, não é um bom exemplo. Se fosse apenas um grupo de reflexão e apoio sobre o FSM não haveria nenhum questionamento.

Para nós, porém, consciente ou inconscientemente este pequeno grupo chamado GRAP tem se apresentado como “dirigente” e “porta-voz” oficial do processo do FSM, junto à sociedade, à imprensa e aos governos.

Como seus próprios membros afirmam, trata-se de um pequeno grupo constituído por um critério de “afinidade”. Ao se comportarem como direção, por que os movimentos sociais foram deslealmente excluídos, desrespeitando a “diversidade”? Quem decidiu pela exclusão? Todos os futuros eventos do FSM serão organizados por coletivos constituídos desta maneira?

Diante de propostas que sinalizam a ruptura do pacto fundante do FSM, continuamos defendendo Fóruns bianuais, com a realização de reuniões no mesmo período do de Davos. Nos anos em que não se realizar o FSM é necessário que o CI se reúna para fazer a análise de conjuntura e consensuar o necessário contraponto ao Fórum de Davos. Somos favoráveis também a realização de Fóruns Temáticos cujas pautas sejam democraticamente debatidas, a fim de que sejam assumidas como compromisso coletivo. Assim estaremos construindo um Fórum Social Mundial de todos e de todas e para o bem da Humanidade.

### Executiva Nacional da CUT Brasil

## IN DEFENSE OF AN AUTONOMOUS, DIVERSE AND REPRESENTATIVE WORLD SOCIAL FORUM!

The intensification of the crisis affecting the core countries of capitalism – deepening unemployment, hunger and misery of increasingly large portions of the world population –, reinforces the importance for social movements and progressive forces to rely on instruments of reflection and action to transform reality. Never before have we needed so much the World Social Forum (WSF), its commitment and the grassroots capillarity of the movements that give life to it.

The contradictions that have originated the mobilizations against the World Economic Forum of Davos (WEF) not only persist today, but have worsened. The WSF has nowadays a doubled responsibility of convene global consensual actions, which shall make clear our opposition to the neoliberal globalization. We can't postpone the necessary actions to stop the abuse by transitional corporations and the financial market; and the undermining of labor rights by conservative governments. We must present proposals to the construction of the other world we want.

The policy of bailing out banks and speculators adopted by many governments led to the loss of millions of jobs, homes and what little remained of social protection, leaving behind only poverty caused by measures of "fiscal austerity", in favor of the financial system.

The numbers of the crisis speak for themselves. The International Labor Organization (ILO) estimates 197 million unemployed worldwide in 2012. Of these, 74 million are young people between 15 and 24 years of age. Global hunger has reached the homes of 870 million people worldwide, according to UN / FAO, of

which 852 million are in developing countries. While over 50% of global wealth belongs to only 2% of the population, at the other end, half of the poorest people, who add up to about 4 billion, have only 1% of the world's wealth, the equivalent of US\$ 133.5 million. Hence the need for the WSF and its political forces to regain the initiative, enthusiasm and audacity, so as to confront the current political and ideological backlash.

### Recovering the WSF's principles

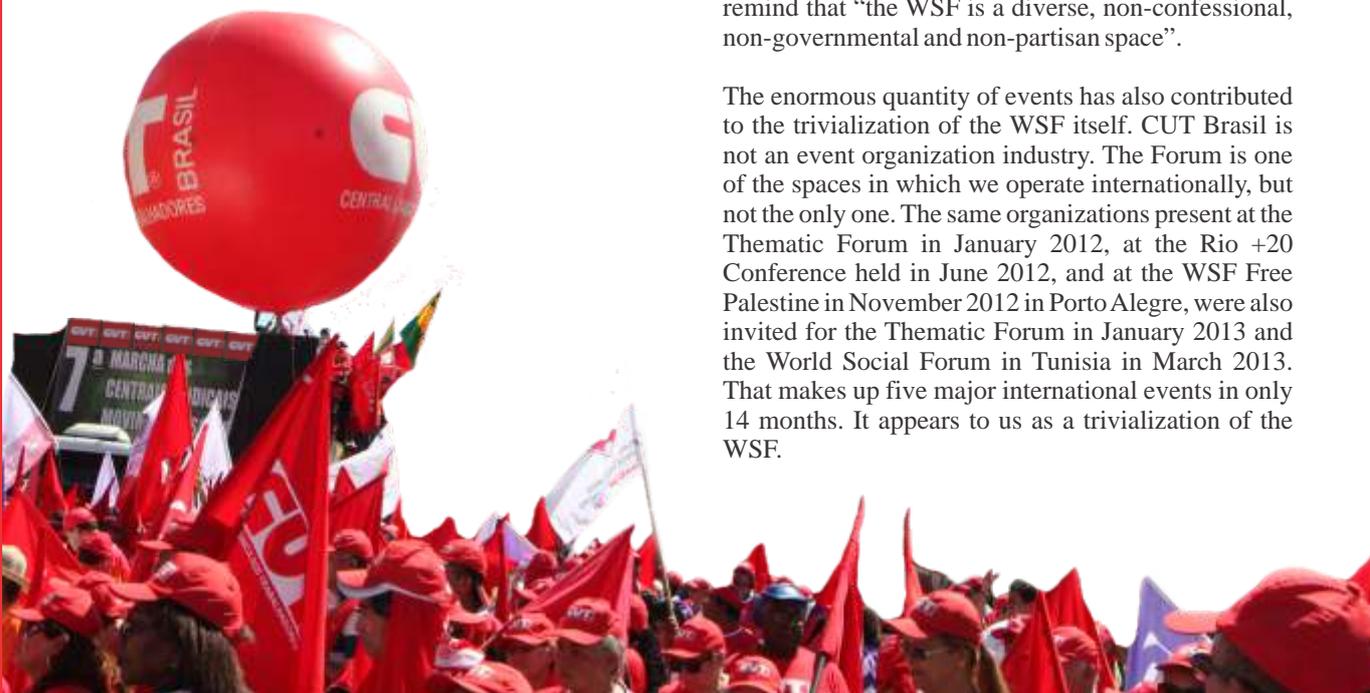
As it organizes meetings and events, the WSF must overcome its internal contradictions and break with the logic of "sponsorship". After all, as conventional wisdom teaches, *"Whoever pays the orchestra chooses the music!"*.

Facts like these have led some of the founders of the WSF to withdraw from the Thematic Forum 2013 as a response to the violations of the charter of principles in relation to what concerns governments and political parties. We are not against the contribution from the public sector. However, autonomy is a matter of principle that needs to be exercised more often.

The Municipality of Porto Alegre neglected this collective decision, and didn't provide any resources to the WSF Free Palestine, giving in to the powerful "lobby" for the occupation. Besides that, they directed a huge amount of resources for the Thematic Forum in January 2013.

Those who are less inclined to working together, who believe they are the owners of the WSF, have excluded historically committed organizations. By choosing to trample over the historic autonomy of the event, they shamefully replaced it by political and financial ties to the municipal administration. It is never enough to remind that "the WSF is a diverse, non-confessional, non-governmental and non-partisan space".

The enormous quantity of events has also contributed to the trivialization of the WSF itself. CUT Brasil is not an event organization industry. The Forum is one of the spaces in which we operate internationally, but not the only one. The same organizations present at the Thematic Forum in January 2012, at the Rio +20 Conference held in June 2012, and at the WSF Free Palestine in November 2012 in Porto Alegre, were also invited for the Thematic Forum in January 2013 and the World Social Forum in Tunisia in March 2013. That makes up five major international events in only 14 months. It appears to us as a trivialization of the WSF.



The Forum in defense of Palestine was only held in November 2012 because the vast majority of organizations in Palestine and in other countries so decided.

CUT Brasil participates at the WSF since its creation in 2001. It is, alongside with the MST, one of the two first Brazilian social movements to be within the WSF local organizing committee. We have always considered it as an extremely important space of action for all those movements seeking to build a fairer and more democratic world. And we will continue to do so.

The problem regarding the lack of debate within the WSF International Council (IC) prevents the assessment of the recent changes in the world. For instance: precisely in a context of crisis, in which the WSF should reaffirm its principles of anti-capitalist struggle, it has been abducted by sectors committed to the "status quo" in order to make everything more soft and light, as it was the case during the TSF 2013 in Porto Alegre. This situation diverts the WSF from its principles and objectives, moving internal relations away from politics.

### **The Future of the WSF**

The Forum needs to go beyond reflection and should start to define common actions, such as the mobilizations against the war on Iraq at the time. We can't believe that we won't be able to reach possible agreements on common actions against corporate abuse; the excluding logic of financial markets; militarization replacing diplomacy; youth unemployment; and issues related to the environment, minorities' rights, among others.

Regarding the political leadership of the WSF, we understand that the current problems are not limited only to the form, but, above all, to the content. Broad social base organizations with democratic power of representation also have their rightful place in the organization process. Since they are part of the organization mobilization processes, they should occupy their due space in the International Council (IC), as well as in other coordination structures. Whenever spaces that have been created by the IC itself are sabotaged until they cease to exist, isolated individuals begin to make the decisions. That is chaotic and that is what is happening now.

"Ideologues" of the WSF are trying to impose the most perverse form of centralization: extinguish every collective space of debate so that the "experts", the

"spontaneous individuals" exercise control over all decision making processes. In fact, it represents the institutionalization of a "Central Committee" which has not been elected, but has an enormous power. It's a sort of 'Lernaean Hydra, an ancient serpent-like water beast with poisonous breath and blood so virulent even its tracks were deadly'. But it's worthy to remind that the Hydra was killed by Heracles after all. As we see it, some propositions that have been presented with regard to the future of the WSF try to recreate this monster and repeat the old Lampedusa saying: "*If we want things to stay as they are, things will have to change*". In other words, the same people deciding and defining the processes while the rest remains in sweet obedience and smelling "comrade" Hydra's breath.

In order to succeed, this strategy needs to depreciate social movements simply because they are organized and have democratic elected leadership. Within this vision is embedded a "new theory", very much in vogue: that social movements shall be neither right-wing nor left-wing. Although they don't always profess, there is an underlying concept which states that social movements are "out of date" and "old-fashioned" and that it is time to build a WSF free from their malefic influence, in the hope that as a result a "clean and healthy" social movement will emerge. In our vision, the WSF has to be open to everyone: to networks, to spontaneous movements, to organized social movements, to the NGOs, etc. The will to build another world, under the WSF principles, must be the basis of this unity.

Also we consider extremely troubling that some "ideologues" present arguments of deep contempt for social movements, as if they weren't also responsible for the great mass mobilizations that have occurred past year and continue to occur around the world. Positive changes in Latin America are, in a large scale, due to social movements' action. These ruminations end up distancing them from the left as they embrace sophisticated elitist thesis, much to the taste of the most reactionary right. Finally, the worst thing to see is that many among these ideologues are themselves members of vertical and hierarchical organizations. We want to recover the collective role of the international committee, including theme and local committees, according to the charter of principles and political culture of the Forum, preventing control by individuals, governments and market forces, regardless of how well-intentioned they might be.

The Brazilian experience of the GRAP (Reflection and Support Group to the WSF process) is not a good example. If it was just a reflection and support group there would be no questioning from us.

In our view however, consciously or not, this small group called GRAP has presented itself as the WSF official "direction" and "spokesperson" in relation to society, the press and governments. As their members themselves state, it's a small group assembled by an "affinity" criteria.

Since it behaves like an executive committee, why have social movements been so inelegantly excluded, disrespecting the principle of "diversity"? Who decided for the exclusion? Is every future WSF event going to be organized by groups constituted like this?

In view of proposals that signal the breakdown of the founding pact of the WSF, we continue to defend Forums every other year and meetings at the same time of the World Economic Forum in Davos, to assess the situation and to reach consensus on the necessary counterpoint and actions. Together we will build a World Social Forum for all, making sure that issues to be discussed are widely debated and committed to collectively. For the sake of Humanity.

### **CUT Brasil National Executive Committee**